

## Sumário

1. APRESENTAÇÃO	1
1.1. Resumo	1
1.2. Introdução e justificativa	2
1.3. Proponente:	4
1.4. Objetivos	9
1.5. Método	10
1.6. Etapas	11
1.7. Metas	13
1.8. Resultados esperados	14
1.9. Impactos econômicos e sociais	14
1.10. Bibliografia relacionada ao projeto:	15
1.11. Cronograma de execução	17
2. AS CATEGORIAS DEFINIDAS PARA LEITURA DOS ESPETÁCULOS	18
2.1 Memória/associações	18
2.2 Linguagem/comunicação	18
2.3 Interpretação/Explicação	18
2.4 Informação/Contexto	19
2.5 Postura crítica	19

2.6	Interdisciplinaridade	19
3.	ÁREAS GEOGRÁFICAS/ESPAÇOS CULTURAIS/ATIVIDADES ARTÍSTICAS	20
3.1	Atividades selecionadas e acompanhadas, que constam do acervo indicados no site – para análise:	20
3.2	Os aparelhos culturais (espaços)	21
4.	ROTEIRO METODOLÓGICO DA LEITURA	21
5.	INDICADORES DE LEITURA CRÍTICA	22
6.	PLANILHA SÍNTESE DA AVALIAÇÃO (que aparece no texto do debate transcrito abaixo):	23
7.	INTERFACE COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS	30
8.	DEBATE/ENTREVISTAS COM:	32
9.	DEBATE TRANSCRITO	33
10.	CONCLUSÕES A PARTIR DO DEBATE	58
11.	SITE DESENVOLVIDO	60
12.	ANEXO 1 - MATERIAL CAIXA CULTURA	
13.	ANEXO 2 - MATERIAL CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL	
14.	ANEXO 3 - MATERIAL SESCs	
15.	ANEXO 4 - DVD MULTIMÍDIA ENTREVISTAS E VÍDEOS	
16.	ANEXO 5 – DVD DEBATE	

## 1. APRESENTAÇÃO

### 1.1. Resumo

"Como a arte está sendo lida em algumas de nossas Cidades?" É a questão que norteará este projeto que tem como objetivo o mapeamento, a análise e a divulgação da leitura de iniciativas do universo artístico-intelectual que contribuam significativamente - através do fazer político e social, inerentes à produção de arte - para a aquisição de conhecimento, difusão e democratização da cultura, corroborando, assim, para a construção da identidade e da cidadania brasileiras.

O Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio acolhe em sua estrutura a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, que, através de sua equipe de pesquisadores associados encarregar-se-ia de levantar, selecionar e divulgar uma análise do que está sendo produzido - em termos de leitura - no universo artístico no Estado do Rio, neste ano (agosto 2014 a julho, de 2015). Essa análise abrangeria, particularmente, produções concernentes às Artes (Plásticas, Música, Dança, Teatro, Cinema, Fotografia) destacadas entre aquelas que trouxessem reais contribuições para ampliar o entendimento por parte do público sobre as artes e a cultura.

Ao fim do projeto, o Instituto oferecerá como produto, conteúdo informativo qualificado a ser divulgado através de uma página em seu *website*, de acesso irrestrito ao público em geral, oferecendo uma leitura da recepção artístico-cultural no Estado do Rio de Janeiro. Ainda durante a pesquisa, marcaremos encontros para discussão sobre a democratização do saber ligado ao universo artístico, a partir dos materiais da divulgação dos criadores, das críticas em periódicos e de eventuais entrevistas com o público.

Esperamos, assim, oferecer indicadores para a elaboração de procedimentos que tornem mais amigável o acesso ao universo artístico, além de disponibilizar para uma rede digital o fomento e troca de conhecimento, a ser levada em conta como referência – tanto pelo poder público, por estudiosos e pesquisadores, quanto

pelo público em geral, quanto ao incentivo a formação de plateias e promoção de público.

Diante das limitações, o piloto em algumas Cidades do Estado do Rio de Janeiro poderá servir de base para estender o projeto que avalia as relações entre leitura e outras artes a outras a municipalidades do Estado do Rio de Janeiro.

## 1.2. Introdução e justificativa

Pensar a forma como o objeto de arte vem sendo apresentado ao público de nossas Cidades é um dos grandes desafios dos que se propõem a investir na difusão e democratização da cultura. Exposições de arte e de fotografias, espetáculos de teatro e de dança, mostras de cinema, audições de música, lançamentos e relançamentos de livros passam pelo olhar e pela leitura de curadores, diretores, coreógrafos, maestros, atores, músicos e editores, antes de chegarem ao consumidor final, ou seja, ao público. Propomo-nos, portanto, aqui, a pensar nos mediadores da história das artes e na forma como eles se propõem a ler essa história.

Nossos objetos de estudo serão os textos que preenchem as paredes dos museus; o folder que é entregue ao público em uma exposição fotográfica, a própria disposição dos quadros e das fotos - em uma galeria ou em um museu; o texto que apresenta uma mostra de cinema; o programa de uma peça teatro, de um espetáculo de dança, ou de uma audição musical; a resenha de um livro que é lançado ou relançado, no jornal. Todos são produtos de um olhar, de uma leitura e, portanto, partes da história e da reflexão, na qual, a arte nos incita a mergulhar.

De acordo com as pesquisadoras Ana Letícia Fialho<sup>1</sup> e Ilana Seltzer Goldstein<sup>2</sup>, ao contrário do que acontece em áreas como saúde, educação e habitação, o volume e o detalhamento de informações na área cultural ainda é pouco significativo. No Artigo: *Conhecer para atuar: A importância de estudos e pesquisas na formulação de políticas públicas para a Cultura*, as duas pesquisadoras afirmam que:

Até recentemente, ainda não possuíamos dados sobre as práticas e preferências culturais dos brasileiros nem indicadores sobre seu consumo cultural. Os primeiros estudos nesse sentido começaram a surgir entre nós no século XXI – apontando possibilidades e caminhos interessantes. No entanto, ainda são pouco divulgados e utilizados. (FIALHO; GOLDESTEIN, 2010, p.32)

E ainda, de acordo com José Luís Herência que, até 2010, atuou como Secretário de Políticas Culturais do MinC, no artigo *Uma nova fase no planejamento de políticas culturais*:

Uma política cultural contemporânea no Brasil só é possível com o desenvolvimento de instrumentos de planejamento também eficazes. Reunir dados e produzir indicadores para orientar a ação dos gestores públicos e privados é um passo importante dessa política. (HERÊNCIA, 2010, p.26).

---

<sup>1</sup>Gestora cultural e pesquisadora, sócia-fundadora da FiSch Consultoria em Artes, empresa especializada em consultoria, desenvolvimento e gestão de projetos culturais. Com mais de dez anos de experiência no setor cultural, atuou junto a organizações como Cinema do Brasil, Fórum Permanente, Ministério da Cultura, Senac, Sebrae, Base7, Fundação Iberê Camargo, Fundação Bienal do Mercosul, entre outras. Doutora em sociologia da arte pela École des Hautes Etudes em Sciences Sociales/Paris, mestre em gestão e desenvolvimento de projetos culturais na Universidade de Lyon II e professora da pós-graduação em economia da cultura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup>**Ilana Seltzer Goldstein** é antropóloga e consultora nas áreas cultural e social. É doutora em antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em antropologia social pela Universidade de São Paulo (USP), especialista em direção de projetos culturais pela Universidade Paris 3 e especialista em avaliação de programas e projetos sociais pela Fundação Instituto de Administração (FIA). Prestou serviços a organizações como Sesc/SP, Sescop, Cenpec, prefeitura de São José dos Campos, Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social, entre outras.

Tomando como premissas esses argumentos, concordamos que um trabalho de pesquisa, coleta e sistematização de dados relativos à leitura das atividades artístico-culturais, seguido por uma análise crítica dessas leituras, pode oferecer consistência a ações estratégicas governamentais, concentrando forças, alinhando objetivos e métodos, evitando a dispersão de recursos e, enfim, tornando as ações mais eficientes e, sobretudo, efetivas, quando se tratar de (in)formar o público para uma aproximação ao mundo artístico.

Congregados, esses elementos permitiriam, ainda, maior aproveitamento dos espaços de mídia, melhor planejamento, geração de investimentos qualificados e realização de avaliações mais consistentes, de forma a contribuir de maneira efetiva para o desenvolvimento cultural e, conseqüentemente, econômico e social, das diversas regiões do Estado : norte, sul, serrana e a capital.

### 1.3. Proponente:

Criada em 2006, através de um convênio entre a PUC-Rio e a Organização das Nações Unidas para a Educação e Cultura, UNESCO, a Cátedra UNESCO de Leitura PUC- Rio é um centro especializado em pesquisa, ensino e extensão sobre leitura e formação do leitor, dedicada ao desenvolvimento da cidadania, através de ações e pesquisas que visem à construção de uma sociedade leitora. Em 2012, foi inaugurado o Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio que absorveu em sua estrutura a Cátedra UNESCO de Leitura da PUC-Rio, visando à integração de suas ações à produção acadêmico-científicas já empreendidas pela Universidade.

Reunindo profissionais das áreas de Letras, Artes e Design e de Educação, o Instituto e, por conseguinte, a Cátedra conseguem transitar, com facilidade, pelos mais diversos campos do saber e do fazer contemporâneos, graças ao encadeamento entre pesquisa e práxis a que se propõem e ao caráter multidisciplinar de seus projetos que, frequentemente, são realizados em parceria com MinC, MEC, Faperj, Finep e CNPq.

Seu caráter interdisciplinar - que abrange desde a leitura de mundo até a da palavra e da imagem - permite uma concepção da leitura como prática em múltiplas linguagens - dentre elas, as Artes Plásticas, a Música, a Dança, o Teatro, o Cinema, a Fotografia E, na medida em que amplia o acesso ao conhecimento a partir de códigos tão diversos, potencializa a reflexão e instaura o pensamento crítico, favorecendo a aprendizagem e a circulação de saberes.

Para a UNESCO, *“as cátedras são instâncias de produção e difusão de conhecimento e podem contribuir de forma significativa para ampliar a relevância das prioridades estabelecidas para o país [...] agregando valor e contribuindo para o desenvolvimento nacional.”*<sup>3</sup>

Imbuídos desse mesmo propósito, os fundadores da Cátedra UNESCO da PUC-Rio, os professores doutores Eliana Yunes e Luiz Antônio Luzio Coelho – têm colocado em prática projetos inovadores, sempre buscando promover a inclusão cultural e social através da leitura. Dentre esses projetos estão a implantação do Observatório de Políticas Públicas no Brasil e na América Latina e a Rede de Estudos Avançados em Leitura - RELER.

O primeiro oferece uma base documental organizada e sistematizada de projetos existentes, desde a iniciativa da sociedade civil até programas incentivados pelos governos em seus três níveis: federal, estadual e municipal. Com essa base documental, a Cátedra procura incentivar a reflexão e a pesquisa acadêmica interdisciplinar na área da formação de leitores, não só com base nas políticas públicas e a gestão de projetos, mas também com a construção de uma rede acadêmica de pensadores e especialistas no tema, a RELER (Rede de Estudos Avançados em Leitura). Formada por pesquisadores de 14 estados brasileiros e de países vizinhos da América Latina, que atuam em práticas leitoras, a RELER está sendo construída simultaneamente ao Observatório e dedica-se a encontros virtuais (fóruns de discussão) e presenciais (seminários) que permitem a interlocução e a produção de material analítico sobre as políticas, programas e projetos de leitura

---

<sup>3</sup>Discurso proferido por Vicent Defourny, representante da UNESCO no Brasil, por ocasião da II Reunião Nacional das Cátedras UNESCO no Brasil.

em curso, estabelecendo, dessa fora, uma verdadeira rede de comunicação, articulando especialistas, gestores culturais e mediadores.

### 1.3.1. Infraestrutura já existente na instituição

O Instituto Interdisciplinar de Leitura através da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio que, seguindo o Programa de Cátedras UNESCO/UNITWIN, incorpora o espírito de solidariedade intelectual, está comprometido política e academicamente com projetos que giram em torno da leitura - considerada no seu sentido mais amplo - e da formação de leitores, colaborando para o desenvolvimento da cidadania brasileira, a partir de pesquisas teóricas e empíricas, envolvendo múltiplas linguagens e da construção de mecanismos que conectam uma instituição de ensino superior e de pesquisa com redes de inovação, de compartilhamento de conhecimento e de capacitação para o desenvolvimento.

O amplo escopo de seus projetos oportuniza uma experiência acadêmica enriquecida pelo diálogo com diferentes áreas do saber, pela ponte pesquisa-ensino-extensão e pelo liame direto com demandas leitoras, promovendo inclusão digital e social através da leitura. Seus resultados estarão disponíveis a quaisquer pesquisadores, professores e estudantes, por meio impresso e virtual, na forma de produtos concretos, de forma a organizar e disponibilizar, para uso, as informações sobre o que é produzido culturalmente.

#### **As atividades da Cátedra se desenvolvem em quatro eixos principais:**

##### **a. Formação de Mediadores de Leitura:**

Sabe-se que a leitura é condição da aprendizagem — sem ela e seus jogos de sentido não há capacidade crítica que se desenvolva, nem subjetividade que se consolide. Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa, portanto, restituir-lhes a capacidade de pensar e de se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de



construção de sua cidadania. Falar em leitura corresponde, assim, a adentrar solo transdisciplinar, atentando para a diversidade possível dos recortes de uma mesma leitura, bem como para as interfaces desses mesmos recortes. É com essa visão que concebemos nossos projetos de formação de leitores, comprometidos com o poder transformador da liberdade interpretativa, com a pluralidade cultural e com o prazer da leitura. Nossos cursos/oficinas resultam de uma larga experiência em formação de leitura. A professora Eliana Yunes estava à frente do Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), de 1992 a 1996, período em que se realizou a experiência mais importante por uma política de leitura no país. À riqueza dessa experiência, que envolveu mais de 600 municípios e milhares de novos leitores, a Cátedra alia recursos tecnológicos que não estavam disponíveis à época, mas que hoje são fundamentais em qualquer processo educativo.

**b. Difusão da leitura** Biblioteca Temática sobre Leitura e Literatura Infantil e Juvenil

Trata-se de uma biblioteca especializada em leitura e literatura infantil e juvenil, composta por mais de quinze mil títulos e documentos, entre livros teóricos sobre leitura, livros de educação sobre práticas pedagógicas de leitura, obras de referência e de crítica especializada e livros de literatura infantil e juvenil brasileira e latinoamericana. O acervo reúne material precioso e único para pesquisa e ações de ensino-aprendizagem e de extensão para projetos sociais que envolvam a questão da formação de leitores.

**c. RELER - Rede de Estudos Avançados em Leitura.**

É uma rede - integrada por professores associados de universidades brasileiras, latinoamericanas e pesquisadores autônomos - que possui como objetivo fortalecer as relações de troca entre esses agentes e gerar ações integradas de pesquisa e promoção da leitura, para efetivar políticas de formação de leitores através de projetos articulados e de rede digital. A RELER é formada por pesquisadores de diversas áreas do conhecimento - com privilégio das áreas de Letras, Educação e Artes - de universidades

brasileiras e de universidades de quatorze países da América Latina. A integração das comunidades com a RELER permite uma amplificação dos estudos e registros das experiências de práticas leitoras em constante análise, intercâmbio e avaliação.

#### **d. Políticas de Leitura**

Trata-se de equipe especializada interdisciplinar, realizando consultoria e acompanhamento junto a Secretarias de Educação e de Cultura, Fundações, escolas, editoras, órgãos de imprensa, empresas diversas e grupos comunitários que queiram desenvolver núcleos de leitura, bibliotecas, práticas de letramento cultural, entre outras ações. Cabe a essa equipe a coordenação do Observatório de Políticas Públicas e Projetos de Leitura que pretende abranger e avaliar criticamente as ações públicas e privadas de promoção de leitura e formação de leitores e mediadores de leitura no Brasil e em toda a América Latina. O Observatório pode ser acessado diretamente do portal da Cátedra e oferece aos pesquisadores associados e a outras instituições interessadas, informações atualizadas sobre ações de leitura em nosso continente.

Por fim, o projeto será desenvolvido na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, tradicional instituição de reconhecido valor e de excelência acadêmica, que tem se destacado pelo investimento em tecnologia de ponta, em consonância com forte cunho social e de cidadania.

Por sua riqueza de biodiversidade, o *campus* da PUC-Rio, de livre acesso, localizado no bairro da Gávea, já se caracteriza como atraente área verde para a população de seu entorno, o que propicia a troca leitora interpessoal e com o ambiente. A comunidade acadêmica almeja uma integração cada vez maior da instituição com as cercanias, constituídas tanto de escolas privadas quanto públicas. A concepção de uma universidade efetivamente leitora vislumbra a possibilidade de, a partir do Instituto

Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio, tornar todo o *campus* um espaço de sinergia da universidade com o bairro e com a cidade.

### 1.3.2.. Experiência do proponente e da equipe envolvida

A equipe do projeto é coordenada pela professora Eliana Lúcia Madureira Yunes Garcia, da PUC-Rio, diretora do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio – iiLER e fundadora da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e também fundadora do PROLER/MinC. Os demais membros da equipe são Ricardo Oiticica, atual Coordenador de Relações Interinstitucionais do iiLER; Nanci Gonçalves Nóbrega, coordenadora do Sítio da Leitura da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio e Sandra Regina Guimarães, pós-doutoranda em Literatura Brasileira, na PUC-Rio.

## 1.4. Objetivos

### **Objetivo Geral**

Realizar levantamento, leitura crítica e divulgação de como está sendo apresentada a leitura de iniciativas do universo artístico-intelectual, em algumas cidades do ERJ, que contribuem de forma determinante para a aquisição, difusão e democratização da nossa cultura, colaborando, dessa forma, para a construção da de uma sociedade leitora, não apenas de livros, mas de artes.

Dentro do Estado, será considerada, para a nossa análise, uma amostragem das atividades artístico-culturais nas regiões acima indicadas: Sul, Serrana, Norte e Capital

### **Objetivos Específicos**

- Realizar pesquisa sobre como está sendo lida a produção, de maior relevância, nos campos das Artes em municípios do Estado do Rio.

- Criar um *website* voltado para a divulgação das atividades artístico-culturais do Estado do Rio de Janeiro, no qual, apareça, em destaque, a leitura - feita por curadores, expositores, críticos e jornalistas, etc - do que de mais relevante, em termos culturais, estiver sendo produzido.
- Realizar e disponibilizar, no site, o material crítico dessas leituras, seguindo uma classificação definida no processo de análise, feita por pesquisadores qualificados na atividade em questão.
- Realizar encontros a fim de promover a reflexão e articulação em torno da questão da leitura do universo artístico-cultural.
- Disponibilizar, no final do projeto, uma publicação virtual gravada contendo o relato dessa experiência.
- 

### 1.5.Método

Os métodos utilizados para leitura das atividades artístico-culturais, que são tomadas como não-verbais, tem base semiótica e derivam de um caráter estrutural que sendo muito específico, não oferece leiturabilidade ao receptor não-iniciado; como nosso interesse pela leitura tem base hermenêutica e interpretativa, estes serão de caráter exploratório, interativo com base discursiva sobre a obra e suas narrativas. A coleta de dados será feita através dos principais periódicos em circulação, por meio eletrônico, telefônico e presencial, nas diferentes formas de veiculação de informações institucionais.

Documentos e informativos serão compilados pelos pesquisadores e verificados quanto à originalidade, autenticidade e importância das informações em termos culturais, para que possam ser classificados e apontados nas conclusões a serem disponibilizadas. A verificação dos documentos também prevê a abordagem analítica por meio do exame do conteúdo cultural envolvido, bem como do seu significado para a formação de uma sociedade leitora.

## 1.6.Etapas

Portanto, durante os meses de vigência da pesquisa (ago. 2014 a julho 2015), as diferentes leituras do que de mais relevante estiver sendo produzido nos campos das Artes (Plásticas, Musicais, da Dança, Teatrais, do Cinema, da Fotografia) segundo interesse de público e crítica, será debatido enquanto material capaz de formar leitores de narrativas não apenas verbais.

### **Etapa 1 – Seleção das atividades a serem analisadas**

Nesta etapa, daremos início à pesquisa de informação documental e seleção das principais atividades nos campos das Artes, programadas no período de um ano, subsequente ao início do projeto.

A coleta de dados será feita através de periódicos impressos, por meio eletrônico, telefônico e presencial e será realizada nas seguintes instituições: museus, centros culturais, teatros, galerias de arte, produtoras e editoras.

O principal critério para selecionar as atividades a serem analisadas e divulgadas será a contribuição dada por elas - através dos informes culturais, próprios à produção de arte que desperta interesse no público - para a aquisição de conhecimento, difusão e democratização da cultura.

#### **A primeira etapa será, portanto, composta pelas seguintes fases:**

- a. Seleção dos projetos artístico-culturais.
- b. Classificação dos projetos de acordo com suas áreas específicas.
- c. Verificação de dados relativos à produção, ao público a que se destina, através de material digital e impresso, além de entrevistas com produtores, curadores, escritores e artistas.
- d. Registro e definição de critérios para as leituras do material recolhido
- e. Definição de Indicadores da leitura analítica dos eventos.
- f. Seleção para o banco de dados/arquivos dos espetáculos.

- g. Consideração, pela equipe da Cátedra, de possíveis princípios de interlocução entre as políticas públicas disponíveis e os espetáculos em curso,
- h. Realização de um seminário interno em que sejam debatidas as notações de leitura da/na produção das atividades artístico-culturais na cidade/estado do Rio.

### **Etapa 2 – Análise, promoção e divulgação das atividades selecionadas.**

Apuradas as informações coletadas na primeira etapa, os dados serão tabulados e, em seguida, será realizada a análise crítica de como vem sendo feita a leitura do universo das artes, nas áreas em que se concentra o nosso estudo, a fim de se obterem conclusões que possam ser consideradas estrategicamente no planejamento de ações voltadas para divulgação de atividades similares.

#### **A etapa 2 contempla as seguintes ações:**

- a. Criação de página.
- b. Disponibilização da promoção do evento selecionado no site.
- c. Reunião de materiais de divulgação e resenhas críticas, sobre as atividades selecionadas.
- d. Realização de uma avaliação interna na qual o tema principal seja a democratização do acesso à cultura na cidade/Estado do Rio através de uma leitabilidade maior das práticas artísticas e sua mediação para o acesso do público

### **Etapa 3 – Avaliação, elaboração e entrega dos relatórios consolidados**

Nesta etapa, será realizada avaliação do projeto depois do que foi implementado, verificando-se as conquistas obtidas no sentido de oferecer um repertório para a elaboração de materiais que visem ao desenvolvimento de formas adequadas de leitura, no âmbito das Artes diversas, tornando mais democrático o acesso sensitivo e intelectual a essas produções. Nesse sentido, será apresentado, através das notações colhidas, em seminário aberto com o

público e com criadores, os avanços possíveis a partir das lições aprendidas como subsídios para projetos futuros.

### 1.7.Metas

- a. observar como a leitura que vem sendo feita das principais iniciativas no campo das Artes em geral, oferecidas como espetáculos no Estado do Rio de Janeiro, contribuem de forma significativa para ampliar o conhecimento do público sobre as artes e a cultura.
- b. Criar uma *página no site da Cátedra Unesco de Leitura /iiLer* que funcione como referencial para se pensar na divulgação dessas atividades.
- c. Estabelecer contato, através de entrevistas, com os produtores, diretores, curadores e principais articuladores das atividades em questão, a fim de apurar e divulgar dados relativos à produção, público, acervo cultural utilizado, infraestrutura e gestão.
- d. Cruzar e divulgar os dados apurados com as políticas públicas e privadas destinadas a essas atividades, a fim de facilitar o acesso do público, com iniciativas disponíveis no Observatório de Projetos e Políticas Públicas de leitura da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio.
- e. Promover um encontro para a troca de reflexões e experiências entre pesquisadores e especialistas nas áreas estudadas, cujo foco principal seja a democratização do acesso à cultura na cidade/Estado do Rio.
- g. Organizar através desses dispositivos, dentro da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, uma base que fomente a troca de conhecimentos sobre o universo das artes no Estado do Rio, a ser tomada como base tanto por estudiosos e pesquisadores, quanto pelo público em geral.
- h. Disponibilizar uma publicação final digital reunindo o relato de tudo o que foi apurado e da experiência adquirida durante o desenvolvimento do projeto.

### 1.8. Resultados esperados

- a O mapeamento, a análise crítica e a divulgação de materiais de leituras que vêm sendo feitas de iniciativas do universo artístico-intelectual, no Estado do Rio de Janeiro, que contribuam, de forma significativa, para a aquisição de conhecimento, difusão e democratização da cultura, sobretudo de formação de plateias.
- b. A criação de uma plataforma na *web*, aberta ao público, de acesso gratuito, contendo informações e análises sobre as leituras de produções nos campos das Artes Plásticas, da Música, da Dança, do Teatro, do Cinema, da Fotografia e da Literatura, que tragam contribuições relevantes para ampliar o conhecimento do público sobre as artes e a cultura brasileiras.
- c. A contribuição de referências para a elaboração de políticas públicas que visem, no desenvolvimento de projetos artístico-culturais, modos de divulgação que aproximem o público destas produções

### 1.9. Impactos econômicos e sociais

O desenvolvimento socioeconômico de um país é impactado diretamente por sua capacidade de produção artístico-cultural que constituem a representação do modo como sua sociedade compreende e explicita sua história, seus valores e sua criatividade.

Nesta mesma linha, pesquisas atuais identificam que a aquisição de bens culturais também reflete a ascensão socioeconômica dos mais diversos grupos sociais. Por isso, a democratização da cultura tem sido um ponto constante na pauta de elaboração das políticas públicas.

Portanto, mapear, analisar e divulgar as leituras que vêm sendo feitas no universo artístico-intelectual – em particular no Estado do Rio de Janeiro – contribuirá significativamente para a criação de um repertório de categorias que



subsidiar a elaboração de materiais, para atendimento eficaz a demandas específicas de formação de uma sociedade leitora de artes, nas diversas regiões geopolíticas do Estado

#### 1.10. Bibliografia relacionada ao projeto

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp. Porto Alegre: Zouk, 2007.

BUORO, Anamelia Bueno. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ: 2002.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1962.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

FIALHO, Ana Letícia; GOLDSTEIN, Llana Seltezer. Conhecer para atuar: A importância de estudos e pesquisas na formulação de políticas públicas para a cultura. In: *Revista Itaú Cultural: OIC - n.13*, São Paulo: Itaú Cultural, 2012.

GAUTHIER, Guy. Langage et cinéma... et bande dessinée. In : MARIE, Michel & VERNET, Marc (orgs). *Christian Metz et la théorie du cinéma*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1990, p. 68-77.

GREGÓRIO, Francisco. "Oralidade, afeto e cidadania". In: YUNES, Eliana (Org.). *Pensar a leitura: complexidade*. Rio de Janeiro: PUC Rio/ São Paulo: Loyola, 2002.

HAYWARD, Susan. *Key Concepts in Cinema Studies*. London & New York: Routledge, 1996.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. São Paulo: Papirus, 2005.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, Maria Helena. *Enigmas da leitura; lendo com analfabetos e iletrados*. Porto Alegre: Território das artes, col. Minibuks, 2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Cultura em números: anuário de estatísticas culturais*. 2.ed. Brasília: MinC, 2010.

MURRAY, Roseana; VIGNA, Elvira. *Receitas de olhar*. São Paulo: FTD, 1997.  
PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Editora Perspectiva, Coleção "Debates," 1955.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. Trad. de Jose Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1977.

PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, Michèle. *A arte de ler*. São Paulo: 34, 2009. p. 61.

YUNES, Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Ed. Aymar. Curitiba 2009.

\_\_\_\_\_ *Pensar a Leitura: Complexidade*. Ed. Loyola, SP. Brasil. 2002

\_\_\_\_\_ *Portfólio regional de projetos de leitura*. Disponível em [http://www.cerlalc.org/leves\\_p/leves.htm](http://www.cerlalc.org/leves_p/leves.htm)

## 1.11. Cronograma de execução

	Descrição	Atividades	Cronograma mensal															
<b>Etapa1: Seleção das atividades a serem analisadas</b>																0	1	2
	Seleção dos projetos artístico-culturais																	
	Classificação desses projetos de acordo com suas áreas específicas.																	
	Verificação de dados relativos a produção, público, acervo cultural utilizado, infraestrutura e gestão,																	
	Mapeamento da produção.																	
	Cruzamento dos dados apurados com as políticas públicas destinadas a essas iniciativas disponíveis no Observatório de Projetos e Políticas Públicas de leitura da Cátedra UNESCO de Leitura- PUC -Rio																	
	Manutenção e atualização do banco de dados digital.																	
	Seleção e análise, pela equipe da Cátedra, de possíveis princípios de interlocução entre as políticas públicas disponíveis e os projetos em desenvolvimento																	
	Realização de um seminário interno																	
<b>Etapa2: Análise, promoção e divulgação das atividades selecionadas</b>																0	1	2
	Criação do <i>website</i>																	
	Disponibilização e promoção do material selecionado no <i>website</i>																	
	Divulgação de artigos e resenhas críticas sobre as atividades selecionadas.																	
	Realização do seminário aberto - ano 2																	
<b>Etapa 3: Avaliação</b>																0	1	2
	Avaliação	Entrega do relatório Disponibilização de uma publicação final digital																

## 2. AS CATEGORIAS DEFINIDAS PARA LEITURA DOS ESPETÁCULOS

### 2.1 Memória/associações

Que convocação à memória da cultura e seu acervo está presente na divulgação do espetáculo/evento. A memória integra decisivamente a Formação do Leitor – ninguém lê um texto decifrando-o, mas compondo-o com a memória que guarda de coisas vistas/lidas anteriormente.

### 2.2 Linguagem/comunicação

A adequação da informação a um público aberto e amplo, suas marcas conceituais e críticas para ajudá-lo a estabelecer uma relação interpessoal com o que vê/ouve – isto ocorre? Onde: nas colunas de jornal, nos suportes midiáticos?

### 2.3 Interpretação/Explicação

Se partirmos da ideia de que um texto não traz uma mensagem fechada pelo autor, mas se abre a uma demanda de interação com o leitor. (Eco diz que ele é uma máquina preguiçosa) o entendimento das significações possíveis – para a eleição de um sentido entre outros para o texto – exige que se considere a hermenêutica das obras do Universo das Artes para além do literário, também é uma construção com elementos previsíveis uns e com elementos extraordinários do outro, vividos do próprio espectador/leitor.

## 2.4 Informação/Contexto

Quais as bases sobre as quais uma leitura crítica se apresenta ao leitor/espectador? Qual é o aporte sobre o próprio espetáculo/evento é oferecido ao receptor? Como se preparara este receptor para “entender” o que ele vai ver/ouvir.

## 2.5 Postura crítica

Sabendo que a crítica não corresponde a um mero juízo de valor (Sempre condicionado a um contexto, época e cultura) nem se baseia na “opinião” do crítico e menos ainda o senso comum do receptor, verifica como se apresenta a crítica que se mostra através da mídia ordinária: elucidativa, técnica, orientadora ou mistificadora para usar uma expressão lobatiana?

## 2.6 Interdisciplinaridade

As linguagens com que tratamos o mundo (a realidade é uma tentativa de capturar o Real) são diversas e apontam áreas da cultura e da arte “disciplinares”: cinema, música, teatro, plástica. Elas dependem de saberes distintos, mas interligados na cultura, às vezes mais próximos da literatura, às vezes da performance. Isto está refletido na mídia, seja impressa, seja digital?

### 3. ÁREAS GEOGRÁFICAS/ESPAÇOS CULTURAIS/ATIVIDADES ARTÍSTICAS

Não sendo possível esgotar toda a produção/apresentação no ERJ, sobretudo porque-fora o circo e os espetáculos/shows de música pop, a maioria das cidades não dispõe de espaço e tradição para criar/receber produções que impactem seu público, passamos a uma seleção obrigatória: cidades (além do **Rio de Janeiro**), espaços/aparelhos disponíveis e espetáculos a analisar.

Assim sendo, Friburgo (**Região Serrana**), Campos (**Norte-Fluminense**), Paraty (**Sul-Fluminense**) foram objeto de nossa leitura das leituras propostas a algumas obras eleitas segundo a diversidade das linguagens.

#### 3.1 Atividades selecionadas e acompanhadas, que constam do acervo indicados no site – para análise:

**Teatro:** Cartas do paraíso e Salinas; Oleana, Portaria Silencio, Vertigem Digital

**Cinema:** Mostra de cinema e direitos humanos; e A Poética de David Neves

**Artes Plásticas:** Kandinsky, Picasso, Miró; A Magia de Miró, Dali, Júlio Paraty

**Música/Show:** Música no museu, De Tempos Somos – Grupo Bilac vê estrelas

**Dança:** Sobre as ondas do mar

**Literatura:** Confissões Francesas; Vinícius sem mais adeus

**Bonecos:** Coisas de Menino Boneco; Contadores de história

**Fotografia:** Rio Pitoresco

### 3.2 Os aparelhos culturais (espaços)

Os espaços com impacto na experiência do público, por sua qualidade e regularidade de programação são efetivamente poucos, mas oferecem atividades diversas em seu complexo cultural o que facilita o acesso do público a linguagens e expressões múltiplas de arte. Por esta razão detivemos nossa leitura sobre os que atraíram um público diversos tanto em camadas sociais como em formação intelectual

- Caixa Cultural
- CCBB
- SESC (s)

A perenidade de programação, a gratuidade, a organização e financiamento regular, tanto público quanto privado, transformaram estes espaços em garantia de qualidade para o público ávido de formação cultural e conhecimento das artes

## 4. ROTEIRO METODOLÓGICO DA LEITURA

Depois, de selecionadas as cidades, segundo a Região fluminense e a partir da intensidade e/ou da projeção dos seus eventos, da definição destes e dos aparelhos culturais a serem estudados, dispusemos:

- Seleção privilegiada dos espetáculos;
- Leitura de releases e de colunas críticas assinaladas segundo a presença ou não das categorias eleitas para tratamento do material;
- Criação de indicadores dos materiais de divulgação/crítica;
- Síntese em planilha de leitura;
- Consideração da interface com as políticas públicas.

- Realização de debate com produtores, artistas e público;
- Gravação e transcrição do debate como fecho da análise crítica da leitura nas artes.

## 5. INDICADORES DE LEITURA CRÍTICA

### \*Explicitação temática

Os materiais de divulgação oferecem com objetividade o produto artístico que está divulgando? Aclaram a natureza do trabalho e preparam o espectador para o que vai ver/ouvir? Apresentam a origem / gênese do trabalho?

### \*Clareza de linguagem

Os textos costumam usar de certos jargões jornalístico-críticos para apresentar a qualidade dos espetáculos. Tirando estes clichês de divulgação, é possível atravessar a linguagem crítica das colunas para alcançar um entendimento maior da proposição artística mesmo não sendo um iniciado nas artes? Em sendo, a linguagem contribui para ampliar o interesse do espectador?

### \*Referências de apoio

A apresentação dos trabalhos nos releases e críticas oferece um contexto e história a gênese do trabalho? Posiciona autor, espetáculo, personagens, texto em algum horizonte de recepção que permita o receptor se situar ante o que lhe é oferecido? Há outras indicações que associadas permitem melhor compreensão do contexto?



\*Orientação da recepção

O material de divulgação que é oferecido previamente às sessões considera aspectos particulares do evento que merecem ser considerados? Traz alguma explicitação das rupturas que promovem ou do resgate da tradição que nele se realiza? Comenta aspectos inovadores ou tradicionais que mereçam atenção do receptor?

\*Visão crítica

A formação de público ou de plateia objetiva ordinariamente além de despertar/ampliar o interesse do espectador consolidar uma visão crítica da linguagem artística e de sua implicação com a realidade em que ele vive. Esta condição inclusive qualifica em muito a criação. Os materiais que circundam a difusão das obras tem a preocupação de abrir os olhos e mentes do receptor?

## 6. PLANILHA SÍNTESE DA AVALIAÇÃO (que aparece no texto do debate transcrito abaixo):

Categorias de Leitura de

Produção:

- Memória/associações
- Linguagem/comunicação
- Interpretação/Explicação
- Informação/ Contexto
- Postura crítica
- Interdisciplinaridade

Indicadores da leitura crítica:

- Explicitação da temática
- Clareza da linguagem
- Referências de apoio
- Orientação de recepção
- Visão Crítica.

Observação:

Em anexos, digitais e impressos, são apresentados os releases e críticas que embasaram a leitura de pesquisadores para análise da expressão leitora dos envolvidos. Lamentavelmente o arquivo digital com a gravação das entrevistas com o público e com os criadores não foi utilizado na leitura por perda do HD face a problemas técnicos.

Espaço/eventos	Categorias de Leitura da produção						Indicadores da leitura crítica				
Caixa Cultura	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdis- ciplinari- dade	Explicação da temática	Clareza da linguagem	Referência s de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
A Magia de Miró (exposição)	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>
A Poética de David Neves (cinema)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Cartas do Paraíso (teatro)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>

<b>CCBB</b>	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdis- ciplinari- dade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referência s de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
9ª Mostra de cinema e direitos humanos (cinema)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>
Kandinsky (exposição)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>
Dali (exposição)	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>
Música no Museu (música)	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>
<b>SESC (s)</b>	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdis- ciplinari- dade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referência s de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
Rio											
Salina (teatro)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>

De tempo somos (música, sarau e poesia)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
A rainha e o lugar (dança)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Bilac vê estrelas (teatro musical)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Região Serrana	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdisciplinaridade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referências de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
Festival de Inverno	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>
Sesc Nova Friburgo	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdisciplinaridade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referências de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
Vertigem Digital (teatro)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Oleana (Teatro)	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>

Sobre as ondas do mar <sup>(dança)</sup>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>
Confissões Francesas (literatura)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>
Vinícius sem mais adeus (narração/poesia)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>
<b>SESC Campos</b>	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdisciplinaridade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referências de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
Portaria silêncio (teatro)	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Com açúcar e com afeto (musical)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>
Coisas de Menino Boneco? (Animação de bonecos)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>

SESC Paraty	Memória Associações	Linguagem Comunicação	Interpretação Explicação	Informação Contexto	Postura crítica	Interdisciplinaridade	Explicitação da temática	Clareza da linguagem	Referências de apoio	Orientação de recepção	Visão Crítica
Rio Pitoresco (fotografia)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>
Júlio Paraty (pintura)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>não</u>	<u>não</u>
Contadores de história (bonecos de fantoche)	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>	<u>sim</u>

## 7. INTERFACE COM AS POLÍTICAS PÚBLICAS

A consideração das políticas públicas de leitura no trato com as artes não verbais demanda a transferência de conceitos e práticas muitas vezes de caráter transdisciplinar, ainda incipiente entre estudiosos e teóricos.

A avaliação empreendida sobre os materiais de divulgação e críticos aponta um esforço no sentido de “dar a ler” obras que a semiótica trataria por um viés formal acadêmico e talvez seguro metodologicamente para iniciados; para atender a um público amplo heterogêneo, muitas vezes sem iniciação no campo da própria leitura literária, as observações tem que levar em conta a falta de habilidade para tratar estes conceitos, mas sabendo o quanto de saber intuitivo existe nos artistas para captar o interesse e atenção do público em geral.

A verdadeira dificuldade no tipo de análise da leitura que fizemos está na criação de uma visão da obra com discernimento crescente para estabelecer uma visão crítica capaz de gerar pensamento e moção que transfiram um conhecimento da obra para o mundo. De forma as vezes muito sucinta e mesmo reducionista em boa parte dos materiais, mas não em sua totalidade, é claro, surge uma preocupação com a formação do espectador para que não seja temporária e eventual sua participação estando do outro lado da cena.

Para objetivar estas considerações propomos aqui a presença dos eixos da atual política nacional de leitura e do livro, PNLL, do Ministério da Cultura e da Educação, como um item na avaliação dos que pesquisamos nas obras consideradas acima.



### ***Eixo 1 - Democratização do acesso***

Efetivamente há um esforço para democratizar o acesso de bens culturais cuja legibilidade se associa pela arte não verbal ao esforço de aprimorar a linguagem dos sujeitos sociais e políticos no trato das questões presentes na linguagem verbal. Pode-se dizer que há mobilização para oferecer referenciais e bases que permitam um acesso menos superficial na contemplação do bem artístico, para que não impacte apenas por um visual estético atraente, mas celebre uma descoberta do mundo e de si mesmo, por uma percepção que passe do sentimento à reflexão.

### ***Eixo 2 – Fomento à leitura e à formação de mediadores***

Em poucos casos há esta preocupação efetiva com esta formação de mediadores para as artes na formação de público e de plateias específicas, como crianças e Jovens. Honrosa exceção neste trabalho de pesquisa foi a Cartilha proposta pelo CCBB para apresentar Kandinsky ao público escolar, e por tabela, apoiando o professor como um mediador em formação. O espetáculo em torno do Vinicius e também sobre Caymmi poderiam estar incluídos aí se os materiais de divulgação para os jornais estivessem em mãos dos que comparecem aos espaços, como folders.

### ***Eixo 3 – Valorização da leitura e comunicação***

Alguns indicadores apresentam a preocupação com a ponte para o texto ou para a obra com uma linguagem bastante comunicativa, querendo oferecer alguma explicitação para o que se vai apresentar. Raros são os materiais herméticos como Cartas do Paraíso que dificultam a transparência do que se quer mostrar, por conta da sofisticação verbal e conceitual. Nestes casos o texto é para iniciados deixando de fora os neófitos.

### ***Eixo 4 – Desenvolvimento da Economia do Livro***

Não se aplica, uma vez que nos casos examinados não há edições especiais, nem fomento a materiais de circulação ampla junto ao público em geral.

## 8. DEBATE/ENTREVISTAS COM:

1. José Mauro Brant – produtor, ator de diferentes trabalhos;
2. Robson Freire - ator de Salinas;
3. Thiago Britto - cineasta, produtor de cinema;
4. Eliana Yunes (pesquisadora, professora, crítica)

No dia 27/08/2015 foi realizado no espaço da Cátedra Unesco de Leitura/IIIer o debate sobre a Leitura das Artes como resultado da pesquisa realizada com obras de arte cênicas, plásticas, filmográficas durante o período de pesquisa.

**O que se segue o é debate transcrito (anexo impresso e digital) com as perguntas que nasceram da análise dos espetáculos e as posições-leituras dos convidados com relação às questões levantadas pelas pesquisadoras.**

No seu conjunto, este debate gravado com o tema da pesquisa aponta para as conclusões previstas nos objetivos do trabalho.

## 9. DEBATE TRANSCRITO

As análises sintetizadas acima estão apresentadas no texto abaixo transcrito dos debates que fecharam o projeto. As conclusões estão formuladas nas perguntas da pesquisadora que conduz as discussões. Todo o diálogo ampliou a leitura e permitiu que se acrescentassem ou confirmassem as análises sobre o material reunido e pesquisado.

Por isso mesmo um novo item conclusivo entre pesquisadores de e convidados se segue à transcrição, resumido agora não apenas as conclusões do projeto, mas confirmando as análises apresentadas anteriormente.

**ELIANA** – É um projeto que a gente apresentou a FAPERJ para verificar como é feita a leitura de outras artes que não a literatura. Existe todo um arcabouço teórico, metodológico para ler literatura, e na verdade a leitura das artes, ela é feita por especialistas, leitores críticos, leitores formados, iniciados. Mas como é que a Arte é lida ordinariamente? Então o projeto era esse, como era um projeto FAPERJ, a gente se propôs a fazer sobre atividades culturais no Estado do Rio de Janeiro, claro que a gente podia fazer em todos os lugares, claro que a gente não podia fazer sobre tudo. Então a gente fez uma seleção de materiais. A gente trabalhou sobre o projeto da Caixa Cultural, o cinema, sobretudo a Mostra de cinema sobre Direitos Humanos, as Mostras de cineastas emblemáticos, no CCBB a gente privilegiou as exposições de artes plásticas que arrebanharam quase um milhão de pessoas, ou, mais de um milhão se somar Picasso e Kandinsky, um recorde mundial. Então a gente pegou esse material e nos propusemos a verificar o que que o SESC Cultural, ou o SESC, apresentou em Campos, Parati, Friburgo e no Festival de Inverso de Friburgo, Teresópolis e Petrópolis. Então a gente pegou esse material, do que usou de imagem, o que estava disponível na internet e coletou também materiais de jornal, crítica, depoimentos, entrevistas, autores, produtores, diretores, e por fim, quando foi possível, foi muito pequeno, mas foi possível, acabou sendo possível, a gente fez algumas gravações de depoimentos de espectadores, tanto de uma coisa

quanto de outra, concerto, cinema e tal... Agora a gente teve um acidente de percurso. O material nosso estava todo colocado, esse material de depoimento de espectadores estava colocado num drive externo que queimou e a gente não conseguiu recuperar. Então esses depoimentos não podem entrar na análise porque a gente não tem como comprovar. Porque se tem memória, mas não se tem o documento. A gente tentou de toda maneira, Vivi fez tudo para recuperar, mas estava tudo queimado. E era ali que a gente tinha os depoimentos dos leitores. Então nós trabalhamos com esse material escrito, material gravado para verificar isso. Exatamente isso, se... quer dizer, aí eu parto de uma expressão do Blanchot que faz um estudo dos romances, do romance, ele usa uma expressão assim... muito provocativa, que ele se pergunta sobre o que a literatura dá a ler. Então eu peguei esse mote do “dá a ler” pra perguntar o seguinte: o que que as obras de arte efetivamente dão a ler, mas não pensando em como dão, o que dão a ler e como dão a ler, mas não pensando unicamente nos leitores especializados, nos leitores formados. É lógico que se eu tivesse o depoimento de voz dos espectadores era extremamente pontual e rico. Mas a gente começou a estudar esses materiais e a perplexidade, digamos assim, é que de modo geral, a não ser para espectadores e leitores iniciados, os espetáculos não se dão a ler. Então a gente queria discutir isso com vocês. Atores, produtores, a gente queria discutir com as pessoas que estão envolvidas no processo. O mote é esse, a gente discutir um pouco isso.

**MARIA HELENA** – Eliana, o que é esse “dar a ler”? Dá um exemplo.

**ELIANA** – Se a gente parte do conceito de que a leitura não é uma decodificação do pensamento do autor, se você ler, ler não é tentar resgatar o pensamento original do autor, mas recolocar, recontextualizar na sua dimensão as possibilidades significantes que qualquer coisa tem, então a gente se pergunta o que que uma obra de arte possibilita, provoca, oferece de leitura e de questionamento para o tempo do leitor? O que que ela oferece e como ela oferece essa prática de leitura ao seu espectador ou ao seu leitor? Porque ele diz o seguinte: a leitura é um futuro, a leitura nunca é um passado. A gente lê olhando, tentando resgatar o que que o Cervantes quis dizer lá, mas a pergunta é a seguinte: o que o Cervantes disse

lá no Quixote repercute aqui hoje. Como, o que que ele me deu ao longo desse tempo a ler?, o que que ele me permitiu acessar de leitura. Então dar a ler é pensar, como Blanchot mesmo diz, no livro a vir, não no livro que veio. Não no livro do passado, mas no livro a vir. Então, assim, eu tomei esse recorte porque eu achei que ele era suficientemente aberto para pensar no que que um produtor, um curador, um autor, um artista, um ator, envolvido com um texto porque tem uma textualidade, seja a peça, o texto de “Salinas”, seja o recorte ou a montagem que você faz do Lorca ou a curadoria da exposição do Kandinsky ou do Picasso. O que eu estou oferecendo ao leitor para ler? Por que? Em geral se você pegar as artes plásticas, se a exposição for bem montada, se a exposição for convidativa, se ela tiver uma narrativa exposta pelas paredes, uma provocação ao leitor, o expectador pode até ficar comovido, vou ler com a iluminação, com o espaço, com a disposição, mas se você oferece o microfone e pergunta: “E aí, o que esse quadro tá dizendo pra você? Você tá diante desse quadro comovido, emocionado ele tá te dizendo o quê?” Descontada a dificuldade, que a pessoa tem de começar a falar, você vê que ela tem toda a dificuldade para dizer qualquer coisa a respeito do quadro. E eu não estou falando que a pessoa tenha de reconhecer o estilo, o traço, a cor, eu não estou falando disso, exatamente não estou pedindo, que a pessoa seja um pequeno crítico, saiba algumas coisinhas de crítica, porque o crítico vai saber discutir isso. Eu estou interessada em ver como a obra de arte é apresentada por aqueles que a produzem e a disponibilizam. O que que é feito para que o público de fato se sinta leitor?

**ZÉ MAURO** – Isso pode ser dito também à revelia de uma política, de um status cultural do Rio de Janeiro como um balneário em que você realmente necessita ter esse olhar. Até pelo que você selecionou, o SESC, o CCBB, na verdade são as únicas ilhas aonde se pode ter cultura. Um teatro cultural e não só de entretenimento que é o que a gente não precisa... (?). São doze teatros com standup comedy... (?) ... o Rio como um balneário isso é cada vez mais latente na diferença entre entretenimento e cultura.

**ELIANA** – Eu espero que seja... (Risos)

**ZÉ MAURO** - É, mas digo, quem perde é a cultura no sentido de que você não consegue sair desse lugar protegido.

**ELIANA** – Mas tem uma vantagem, são lugares protegidos que pelas suas configurações não são elitistas. O CCBB está aberto manhã, tarde e noite todos os finais de semana, o SESC praticamente todas as atrações são gratuitas ou tem um preço popular. Então tem uma coisa importante, e nós focamos nesses espaços exatamente porque eles dão a ver esse tipo de público... Imagina “Salina” por exemplo, em um grande teatro...

**ZÉ MAURO** – E com certeza saindo do Rio em qualquer lugar ele vai fazer em um grande teatro. Chegando aqui no Rio vai ser, se não for, nessa configuração mais difícil com todo. Por outro lado, você imagina quantos grupos e produções não estão ali também né, e a gente não está nem sabendo, nem vamos saber nomeá-los aqui.

**ELIANA** – Com certeza. Essa foi uma dificuldade que nós tivemos de início, quando nós tivemos que pensar que produções nós iríamos focar em uma cidade como o Rio ou em cidades do interior que tem um espaço muito diminuto, Friburgo tem um centro cultural e mais nada para as coisas acontecerem, eventualmente acontecem no Country Clube. Fora o festival que acontece na Serra, é uma programação quase que episódica. Também de Paraty o que nós conseguimos tem a ver com o reflexo da própria FLIP, então, você fica durante o ano como o “eco” daquela coisa. No que tocava a seleção da produção, nós procuramos olhar isso, que espaços eram esses que estavam abertos “para que público?”. Bom, entrando já nas nossas preocupações o que que nós verificamos? Que eu quero colocar para vocês e queria ouvir que vocês comentassem sobre isso. Do ponto de vista da divulgação, eu rastreei e verifiquei que em geral a preocupação é dar um release para o jornalista que, ou nem vai ver, vai noticiar e nem vai ver, ou que não vai ter tempo ou condição de fazer uma crítica. Boa parte do material de divulgação apresenta em poucas linhas o que é o conteúdo, com ênfase nos atores e na direção, tendo as vezes um

parágrafo que pretende ser uma porta de leitura para o público, olhando do ponto de vista de quem faz a divulgação. A divulgação para mim nessas leituras tem foco no jornalista e não no público que vai ler, e algumas vezes tem o interesse em chamar a atenção do crítico.

## INÍCIO VÍDEO

**ELIANA-** Nós estávamos fazendo uma pesquisa para a FAPERJ para verificar como as artes plásticas são apresentadas ou dadas à leitura do público, através de que mecanismos uma produção pretende que o seu espetáculo, que seu concerto, ou que sua exposição, seja lida pelo público. Nós trabalhamos aqui na Cátedra uma noção de leitura que não é só a do livro, não é só a leitura da literatura, nós achamos que essas linguagens são passíveis de leitura e é lógico que ela tem leitura a muito tempo, nós podemos fazer uma história da crítica das artes plásticas, história da crítica de cinema, que são grandes críticos especializados. Então, considerando que o produtor sabe o que quer divulgar, que o crítico sabe do que que ele vai falar, que o divulgador mesmo, seu release, prepara alguma coisa que ele pretenda que seja uma tradução do que vai ser apresentado para o público ser convidado. Pensando nisso, nós queríamos saber como é que ocorre a leitura. Eu usei um mote teórico, de uma expressão que o Blanchot usa que é: “O que que é dado à ler? ”, ele usa a expressão de “dar à ler”. Mas dar à ler o que? E como é que ela dá à ler isso? Eu pesquisei alguns espetáculos, nós estávamos pensando o porquê desses lugares, porque são lugares abertos a níveis mais populares de frequência.

Nosso grupo de pesquisa e de estudos da Cátedra Unesco de Leitura e do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio desenvolveu com o apoio da FAPERJ esse projeto de pesquisa sobre as artes no Estado do Rio de Janeiro, concertos de música, exposições de fotografias, mostras de cinema, teatro. E a gente pretendia, ou pretendeu com isso entender como esses espetáculos são apresentados ao público e por quem, de que maneira. Usando uma expressão do Blanchot a gente se pergunta como é que a arte é “dada à ler” pelo público. Como é que ela se apresenta, como é que ela é apresentada. Se as pessoas já têm dificuldade em ler a

literatura, onde elas estão lidando com a palavra que manipulam no dia a dia, já acham que essa palavra é mais especial e complicada de ser entendida, diante de um quadro de Picasso ou de Kandinsky, o que as pessoas são levadas a pensar e a dizer, e quem as ajuda a ler. Nós aqui trabalhamos com o conceito de mediação, quem é esse mediador?, é o curador?, o jornalista que faz a divulgação?, o crítico no jornal?, Quem é que ajuda o público a se familiarizar com outra linguagem e poder construir para ele uma relação, uma interação pessoal com essas obras. De forma que quando ele saia de uma exposição ou de uma amostra de cinema, ele tenha o que dizer ele mesmo daquilo que ele viu. A pergunta é essa. Para isso a gente reuniu aqui algumas pessoas que contribuíram e puderam colaborar para a realização desse trabalho. Muitas pessoas que nós temos que agradecer da Caixa Cultural, do Centro Cultural Banco do Brasil, do SESC. Hoje a gente está tentando aqui sintetizar essa discussão do que é leitura das artes, como é que essa leitura se dá, quem dá a ler, e como essa leitura pode ser feita ou em última instância, como é que a nossa pesquisa pode contribuir para que o público em geral possa ler melhor, possa se sentir em melhor disposição interativa com a produção cultural no Estado do Rio. Como o Zé Mauro dizia a pouco, se a gente consegue distinguir do que seja mero entretenimento de uma produção cultural que nos faça pensar e refletir.

#### **APRESENTAÇÕES:**

**ZÉ MAURO** - Bom, eu sou ator, contador de histórias, produtor, autor, diretor, na verdade eu sou um pouco de cada coisa, mas tudo nasce do ator. Com A Belas Artes Organizações Artística está no seu nono espetáculo desde 1997 que existe essa empresa.

**ROBSON:** Eu sou o Robson Freire, sou ator, educador social, faz um ano e meio que eu estou na companhia AMOC , anteriormente trabalhava com jovens adolescentes no interior em Volta Redonda, multiplicando o teor que é uma especialidade minha que é o teatro oprimido. Estou no MOC com esse desejo de me aprofundar no ator, tudo passa pelo ator, todas essas coisas que a gente pesquisa estão nesse processo agora de construir esse ator mesmo.



**ELIANA** – Vocês dois estão com espetáculos em cartaz?

**ZÉ MAURO** – Sim, eu estou viajando com o “Mário fora do armário”, espetáculo sobre o Mauro de Andrade que ainda não estreou no Rio de Janeiro.

**ROBSON** - Estou com “Salina: a última vértebra” a gente estreou dia 28 de fevereiro no SESC em Copacabana e agora a gente está em turnê pelo Brasil, apresentando os festivais e vamos apresentar agora aqui no Rio, em Paraty.

**TIAGO** – Meu nome é Tiago, sou cineasta e roteirista e também volta e meia acabo fazendo algumas mostras em cinema sobre alguns diretores que me interessam e eu gostaria de compartilhar com o público.

**ELIANA** – Que bom, então estamos aqui com o teatro, cinema, produção cultural no sentido mais amplo das palavras narrativas com as quais nós estamos querendo oferecer ao público uma oportunidade para entrever o mundo que ordinariamente não se deixa ler, não se deixa ver. Então, dessa pesquisa o que a gente levantou mostra que do ponto de vista da produção, tirando talvez as entrevistas que as vezes são divulgadas de diretores ou de autores, os materiais levados a divulgação dão muito pouco a ler ao grande público. As vezes tem o resumo da obra, três linhas, você vai ver isso no cinema, você dá o conteúdo, a história. Em geral, os jornais reproduzem os releases, uma faceta dessa discussão vinda de quem produz, do ponto de vista de quem recebe esse material eu estava apontando que o crítico, que tem o peso do seu nome da coluna, em geral tem uma leitura muito técnica, mas isso nunca é explicado ao público, é como se ele escrevesse para um público iniciado, uma rara exceção é o trabalho sobre o Neves, aparece comparação com outras obras dele, referências, na divulgação isso apareceu, mas isso é raro. Não só dizer o conteúdo, mas mostrar como a história está sendo contada, como a memória vai sendo montada e como a gente recupera a memória por exemplo de um ponto de vista por exemplo emocional (eu estou falando especificamente desse filme). Mas, em geral é muito técnico, então o público fica de fora, o público que precisa ser iniciado não tem essa chance. Com exceção ao trabalho do Kandinsky no Centro Cultural Banco do Brasil que

curiosamente produziu uma cartilha que se destinava à jovens e crianças, para que eles pudessem entrar nas oficinas e soubessem alguma coisa do Kandinsky, esse material de leitura é muito interessante, que pôde servir para os adultos se aproximarem do Kandinsky. Isso era o que eu queria que vocês me ajudassem a pensar, porque no balanço me ficou quem escreve, quem divulga já faz para um público que conhece alguma coisa da obra e a crítica é técnica, não é uma leitura aberta que “forme plateias”.

**ZÉ MAURO** – O curioso de você falar dessa questão da mídia, porque esse ano, acho que principalmente no que se refere à minha área, que é o teatro, houve uma mudança editorial que coincidiu com a morte da nossa querida Bárbara Heliadora. Então vamos dizer que nesse mesmo ano onde ela morre aos 90 e poucos anos o jornal para de publicar em forma de tijolinho que nos dá aquela referência diária, não existe mais, só existe as sextas-feiras. Apenas de se ter umas três ou quatro estreias por semana, só se publica uma crítica por semana nas quartas feiras, em geral críticas de peças do *mainstream* que o público já não teria dificuldade alguma de ir ou de ser convidado, então eu acho que isso é uma crise que existe na mentalidade da empresa, mas que existe também na quantidade da empresa. Hoje a gente só tem um jornal no Rio de Janeiro que é o Globo, cada vez mais o Rio vai se acomodando na sua vocação de balneário então a cultura passa a ser alguma coisa que se você quiser muito você vai lá no Google, porque obviamente e paralelamente com essa falência da grande imprensa existem novos críticos, novos sites de teatros que estão buscando ali. Então eu sinto que está tendo uma independência e a peça normalmente pode até chegar ao público por um caminho desvinculado da mídia, o que é muito difícil, principalmente no Rio de Janeiro porque os espaços são poucos, é uma cidade muito ligada ao entretenimento como você falou, e onde esses nichos culturais são...digamos, espaços limitados. Eu me pergunto porque eu não fui selecionado para aquele edital?...(risos)... assim como eu muito mais do que a maioria dos projetos inscritos são selecionados. Então do que a gente pode pescar como cultura já houve uma leitura em algum lugar que aqueles projetos e não outros foram escolhidos, então existe sim uma espécie de ditadura cultural que vai colocar

ali o que vai interessar para o centro cultural e obviamente que isso as vezes coincide com o desejo artístico do produtor que quer mostrar sua arte. Eu acho que tem esse lugar do pouco espaço mesmo, então quando você diz que a imprensa reproduz o release que bom que alguém produziu o release porque tantos outros ficarão ali na pilha que nem foram lidos né, nem tiveram oportunidades de repassar. Eu acho que existe uma omissão da imprensa no sentido dessa criação de novos espaços de novos grupos, ela sempre está vindo em segundo lugar quando a coisa acontece, quando existe algum sucesso, aí ela sim dá o seu respaldo...ou se você ficou vinte anos ali, ou você realmente vai buscar o seu público nesses novos sites.

**ELIANA** – Vocês acham que nesse material novo em que as pessoas não são a Barbara Heliadora, não são, se o que eles postam de fato abre uma porta para um público não iniciado? Ou a tendência é copiar a crítica que já está consagrada da sua linguagem, como é isso?

**ZÉ MAURO** – Eu acho que na sua essência não, eles querem ser vozes. Os novos críticos não querem ser a Barbara Heliadora, mas obviamente para a pessoa ter acesso aquilo ela tem que ser um pouco iniciada, a pessoa que nunca leu, nunca foi ao teatro não vai lá no *Google* achar essa crítica, ele não vai ser convidado, iniciado àquilo. Apesar de que alguns sites estão buscando público em segmento digamos assim. Por exemplo existe uma coqueluche no Rio, em São Paulo, no Brasil, nas questões dos musicais. No Rio isso virou um projeto acadêmico da UNIRIO que está fazendo musicais da Broadway dentro das Universidades em montagens amadoras e que está levando milhares de pessoas iniciantes em teatro, digamos assim. Eu fui à ao Teatro João Caetano ver um espetáculo que se chama “**Rouc of Mona**” e tinha gente pendurada no terceiro balcão, coisa que eu não via nem a Marília Pêra ter botado ali de gente, um teatro gigante. Obviamente a entrada é franca, mas mobilizando uma geração que há muito tempo não se sentia convidada à cultura.

**ELIANA** – O que que levou essas pessoas ao teatro na sua opinião? O que que levaria a uma mostra de cinema o público novo? O que que está levando?

**ZÉ MAURO** – Infelizmente eu acho que é essa isca do americano, “Nossa, tem aqui um musical da Broadway”, mas isso pode ser uma boa isca, porque daqui a pouco eles podem estar fazendo musicais brasileiros autorais. Eu acho que precisa atrair de alguma forma.

**ELIANA** – Você estava falando dos musicais, um dos musicais que a gente acompanhou foi o musical do Ruy Castro que fez um sucesso imenso, sobretudo em São Paulo, mas veio pro Rio e também foi acolhido. Curiosamente, porque as canções são muito conhecidas, porque são da Cariquice, dos nossos compositores não é, e a pesquisa do Nei Lopes ajudou muito... Inclusive com músicas inéditas feitas para o espetáculo. Curiosamente esse texto sobre musical era extremamente convidativo, por um lado eu fiquei pensando se não era porque muitas músicas já não eram conhecidas, então era fácil você cooptar, mas não sei se era isso. Como você falou dos musicais eu queria ouvi-los, o que vocês acham disso? O que pode ter trazido esse público para o musical ou para o cinema que está trazendo isso.

**ZÉ MAURO** – O cinema é mais complicado porque a gente consegue ter acesso a filmes de altíssima qualidade em casa, as pessoas tem essa tendência de não ir ao cinema e quando ela for ao cinema ela quer se justificar por uma razão tecnológica, então ela vai ver o filme e ai aquela coisa digitalizada que dá muito trabalho fazer uma coisa dessas. Então a pessoa vai ao cinema por causa disso, por causa de uma arena. Levar uma pessoa para ir à Caixa Cultural para assistir ao filme de um cineasta carioca, mineiro-carioca, que morreu no início da década de 90 é difícil.

**ELIANA** – Mas você teve bastante público.

**ZÉ MAURO** – Tivemos, para a Caixa Cultural fiquei impressionado. Não sabia que tinha tanta gente queria ver. Fiquei muito feliz com isso, é o cineasta popular, mas o popular hoje em dia muda tanto que o popular é comparar com David Neves, e o David Neves não soa como popular, soa como um filme .

**ELIANA** – O público que foi assistir a essa amostra sua você acha que foi convidado a ser atraído por quê? Se até você se espanta com a quantidade de pessoas que lá apareceram.

**ZÉ MAURO** – Eu acho que foi mais pelo boca a boca.

**ELIANA** – Então você acha que já tem um público que está contaminado pelo amor ao cinema, por esse filme que é mais Cult?

**ZÉ MAURO-** Para o Davi Neves, o que facilitava um pouco foi que ele morreu a pouco tempo e Davi era uma pessoa de fato conhecida, vivia bebendo em todos os bares da Zona Sul. Por exemplo, o jornalista da praça foi porque ele bebia com o David e levou o filho dele que chamou o amigo... E assim vai trazendo as pessoas.

**ELIANA** – Você acha que o público que foi apreendeu por David? Você acha que as pessoas se encantaram por um estilo de narração filme que é muito particular?

**ZÉ MAURO** – Para o público carioca o filme do David, o cinema dele é muito importante porque é um dos poucos tipos de cineasta que ao ficcionalizar ele narrou a história do Rio de Janeiro. A história em relação aos nossos costumes, em o Rio de Janeiro foi modificando, como nós fomos modificando.

**ELIANA** – Você está acabando de fazer uma leitura para mim. Então, um cineasta que ao longo dos seus filmes embora não tivesse ideia de contar a história do Rio de Janeiro contou sua história mesmo assim, em nenhuma das críticas e dos releases eu li isso.

**ZÉ MAURO** – É para não complicar. (risos) São outras instâncias de poder, como eu falei, nós só temos um único jornal na nossa cidade, infelizmente o editor de cinema é uma pessoa com quem eu tenho problemas, então não vai passar no jornal (risos). Tem um receio a essas instancias você escreve algo que ele não acha nada a ver porque ele acha que sabe mais que a gente, então você muda e por ai vai.

**ELIANA** – Tem isso também, uma alteração da proposta.

**ZÉ MAURO** – Certamente.

**ELIANA** – E do seu ponto de vista, como ator de “Salina” que “bombou”, que está “bombando” ainda uma tragédia africana de uma envergadura extraordinária de um autor francês. Como é que é isso?

**ROBSON** – Você falou anteriormente sobre a questão da formação desse público, eu acho que nós precisamos ainda muito do aval do crítico. Se o crítico disse que é bom os festivais compram os lugares de, se o crítico disse que não né...a Bárbara Heliodora ela tinha um peso muito forte, muito grande. Ainda dependemos muito do aval dos críticos. E a pergunta em relação a formação da plateia eu me pergunto se há o interesse dos espaços formar essa plateia, convocar esses públicos que não faz parte...não sei, entrei em um outro ponto que seriam as classes, mas até o CCBB, o SESC (talvez o grande parceiro dos teatros no Rio de Janeiro, hoje em dia nosso maior fortalecedor) para mim, antes de ir para o CCBB pela primeira vez era um espaço no qual eu não me permitia frequentar. Eu acho que até chegar a esse ponto de construir uma opinião saber ler tal pintor, tal traço, passa pelo encantamento, pelo tesão por aquela obra de arte. Vocês falando eu me lembrei da minha ida ao teatro pela primeira vez com seis anos de idade, eu estudei em um colégio de padres e de freiras, eu fui ao teatro e tinha uma caixa grande que abriu e dentro dela tinham vários brinquedos que as crianças podiam pegar e levar quantos quisessem para casa. Essa foi minha primeira experiência com o teatro, “o teatro dá brinquedo” e eu falei “eu quero ser ator” porque dava brinquedo né. (risos) Mas foi um encantamento, posterior também a forma de pensar sobre o que é o ator, tem também tudo isso.

**ZÉ MAURO** – Mas isso ajuda muito, essa oportunidade de acesso a cultura. Quando eu era criança existia muito acesso ao cinema, ele fazia parte. Ir ao cinema para mim era uma coisa que eu fazia...eu cresci em Jacarepaguá então lá não tinha cinema, então uma coisa que eu fazia no meu aniversário era ir ao cinema na Tijuca,

era a única coisa que eu fazia no meu aniversário. Então, sempre tinha essa relação muito forte para mim.

**ELIANA** – Alguém que te levava te contava o que você ia ver, ou o quando você saía do cinema comentava com você?

**ZÉ MAURO** – Eu sempre ia com a minha madrinha. Ela gostava de comentar, porque para mim era uma coisa muito impressionante ver uma imagem projetada na parede, eu não sabia o que tinha atrás daquela parede, o que acontecia atrás, eu pensava que o cinema acontecia atrás da tela. (Risos) Isso acaba pegando você, eu acho que é um pouco por aí.

**ELIANA** – Pelo encantamento imaginário...

**ZÉ MAURO** – O acesso no Rio de Janeiro é muito complicado para a cultura. Você passa muito por fachadas, é sempre “o teatro tal” você tem que ir no “teatro tal”, o teatro já é tradicional. Você não tem muita abertura a esses novos teatros que estão começando a vir, e se tiver não escoa nas grandes mídias, você consegue isso através das mídias alternativas.

**ELIANA** – Deixa-me voltar em uma questão que para mim é importante. Para nós o interessante é pensar a leitura e eu queria voltar em algumas questões. Vocês de alguma maneira colocaram as questões das mediações, tem uma mediação de quem leva e quem comenta, mas tem uma mediação que é dada pelo próprio espetáculo, a questão do encantamento, do imaginário, a provocação que é feita pelas suas emoções mais do que a sua cognição ou a sua inteligência sobre a peça. Uma criança não vai fazer uma reflexão, ela não vai pensar se Marcelino é uma manipulação da afetividade da criança ou não, ela se sente envolvida, ela quer voltar ao cinema para ver aquilo outra vez. Então assim, vamos voltar nas questões. Uma delas é a mediação, que importância que ela tem, e se de fato os pais, a escola, família, sociedade tem sido mediadores para a formação de novos públicos. Queria que vocês falassem um pouco sobre isso. Tem ou não?

**ZÉ MAURO**- Eu acho que devia ter... Acho que cada vez menos, porque eu acho que até a questão do teatro infantil quando ele nasceu ele tirou dos pais esse “peso”, virou uma coisa para a criança. Então o pai já manda a criança, ou a escola leva ao teatro e a gente não precisa mais “mediar”. Então acho que é cada vez menos uma experiência compartilhada, apesar de que existem algumas... Eu me lembro de ter entrado a primeira vez no Teatro Municipal para assistir a um Ballet, era Copélia, mas o que mais me impressionou foi ter entrado ali naquele teatro, o valor emblemático que aquele lugar pode dar a cultura você está lendo isso também né. Com polemicas a parte eu acho que uma criança que entrar na Cidade da Música para assistir a um concerto vai sair de lá pensando “Caramba, isso tudo foi construído para ter isso”, então vai sair dali lendo algum valor a aquela arte

**ELIANA** – Um valor agregado que não estava no início.

**ZÉ MAURO** – que nenhuma mediação vai dar, simplesmente pelo contexto, pelo chique da bilheteria. Quando você vai à Broadway você vê aquele bilheteiro de gravata e você pensa “Nossa estou entrando aqui nesse teatro, todo mundo é tão sério”, então o valor você vê em tudo, no banheiro, na qualidade do papel higiênico, em como o teatro é bem tratado, é limpo, como não tem um sujeito no chão, como não tem uma guimba de cigarro na frente, como o lixeiro passa na sua calçada.... Você entrar naquele prédio e sentir o valor que está sendo dado aquilo é um tipo de leitura importantíssima, talvez ali você aprenda esse valor.

**ELIANA** – Mais ou menos o que ele (Robson) disse que viu em cena, abriu um dado e saiu um mundo de brinquedos é tudo que alguém pode querer né. (risos) Então você acha que a história da mediação também tem esse peso, que tem esse valor. A falta disso nas escolas é um impacto? Porque as escolas de artes, o estudo das artes, do cinema nas escolas é cada vez mais rara, por exemplo, na escola pública.

**ZÉ MAURO** – Eu até vejo que melhorou um pouco, na minha época não tinha nada. Eu nunca tive artes, pelo menos quando eu saí (eu também não sou tão jovem) do Ensino Médio começou a ter aula de Filosofia, como obrigatória. Eu



estudei filosofia por conta própria, literatura também, o colégio de fato nunca incentivou, isso realmente faz falta.

**(?)** – Nessa questão da escola a gente não tem formação né, na escola de música.

**ELIANA** – Pois é, essa é a questão, é uma mediação que faz falta.

**ROBSON** – Agora recentemente foi lançada uma lei, não sei se é nacional, sobre o ensino de música e teatro nas escolas, isso pode ser uma diferenciação muito grande.

**ELIANA** – Bom eu vou fazer um comentário paralelo, que eu não quero desviar a questão para isso não, mas depende muito da qualidade em como isso vai ser apresentado né. Porque se isso for dado como muitas vezes é dado a matemática, história, ciência ou literatura.

**ZÉ MAURO** – Em redação eu tive aula de música, mas foi para aprender o hino. Eu sei o hino da bandeira que é uma beleza (risos). Eu sempre quis estudar música, se eu tivesse uma formação de fato, em entender o ofício da música, o que que ela envolve, não precisa nem aprender a ler, mas saber que existe uma leitura, um vocabulário musical, uma pauta. Isso é tão reservador porque ali podem ter tantos músicos em potencial que se tivessem uma “faísca”...

**ELIANA** – Você está falando de uma coisa que vai repercutir muito mais adiante. Quando eu digo que uma crítica de teatro ou uma crítica de dança no jornal assinado por um crítico ele é técnico. Aliás, “Salina” tem umas críticas interessantes que falam não só da história do drama africano, da tragédia, que é quase uma tragédia grega em terra africana, com a cabeça, com os valores e os mitos africanos, mas eu digo assim, além de apontar para isso por exemplo ninguém fala no jornal porque que está associando isso a uma tragédia grega. Não explicita, o crítico não tem mais essa obrigação, ele supõe que todo mundo já sabe a aproximação que ele está fazendo.

**ZÉ MAURO** – Não tem mais o trabalho do crítico de levar com a mão e trazer, principalmente agora com a internet. Eu escrevia críticas na revista cinética, especializada em cinema.

**ELIANA** – Você fala para um público que já conhece a sua língua, não é? Quando você fala em Goddard eles sabem o que você está falando, quando você fala em Buñuel também, então faz uma diferença.

**ZÉ MAURO** – Está muito na forma e no conteúdo.

**ELIANA** – Em função disso eu queria perguntar uma coisa bem mais pontual. Não seria necessário ter o cuidado, por exemplo que o CCBB teve nesse caso do Kandinsky, que havia um livreto ou um folder que realmente tratasse da “leiturabilidade”, “narratividade” que uma obra tem? Ao invés de ficar falando do David Neves que fez “Memória de Helena” desse ou daquele jeito, a Helena só vai aparecer naquilo que ela não aparece e tal, trazer a Helena que nem você trouxe aos filmes do David que você trouxe. Fala do Rio de Janeiro, conta uma história do Rio de Janeiro, nesse filme ele aproxima a cidade do homem comum...então assim, você não acha que seria o caso de que a divulgação dos espetáculos tratasse de cuidar de ter um texto palatável ao público como um convite para ele interagir com a cena, com o espetáculo? Sem ler a abertura do programa de “Salina” eu teria tido um choque, com tudo que eu conheço de teatro (risos), mas assim, a entrevista do autor me preparou para que eu pudesse acompanhar (emocionada) intelectivamente, pensando no que eu estava vendo. Então eu queria que vocês falassem sobre isso, porque isso tem a ver com parte do recurso que é preciso destinar na hora de uma produção, pensar no tipo de divulgação que você vai fazer. Uma coisa é o crítico que vai te sancionar, outra coisa é o público que você quer conquistar, queria que vocês falassem um pouco. É possível? Isso é um delírio? Como é que vocês veem isso?

**ZÉ MAURO** - Eu gosto muito, acho que isso também é uma responsabilidade da produção no sentido, de quando você tem um material você sabe o que os outros sabem daquele material e o que você quer a mais dizer sobre aquilo. Então

obviamente como você falou os textos de programa para mim são uma coisa inerente ao próprio espetáculo, eu gosto muito do material aqui do espetáculo sobre os irmãos Green, quer dizer, você pode entrar sem saber muito mas na hora que você assiste você fica mais mobilizado em adquirir aquele conhecimento, talvez o próprio espetáculo seja essa mediação sobre o que a gente precisa fazer depois, entendeu? De qualquer maneira eu acho que você tem que dar uma autonomia para o público, falar “olha se você quiser mais, tem ali na biblioteca, tem no site, tem no programa, vai atrás”. Eu fui muito formado porque fui tocado por espetáculos que me deram universos. Me lembro ler “Adélia Prado” porque vi Fernanda Montenegro fazendo “dona doida” e naquela época, obviamente a gente está falando de grandes nomes, mas Adélia era realmente desconhecida no Rio antes da Fernanda fazer, e obviamente por ter sido Fernanda a fazer gerou uma campanha da mídia, quer dizer, toda a semana tinha alguma coisa sobre Adélia, Adélia é isso, é mineira, é mulher, etc. A cultura pegou uma carona na Fernanda e é isso que falta também na mídia, é essa conversa. “Poxa eles criam um grande espetáculo interessante sobre um super autor” mas a mídia vai se esgotar sobre o lançamento daquela temporada, não vem uma matéria depois dizendo “Poxa esse cara nunca foi ensinado no Brasil”, alguma coisa sobre a cultura. Eu me lembro também do Rubens Corrêa fazendo Artaud que era um nome de ninguém tinha ouvido falar, todo mundo saiu atrás lendo Artaud porque aquilo era uma descoberta enorme e para imprensa obviamente (estamos falando de Rubens Corrêa né, um dos grandes nomes) falta esse tipo de interesse cultural pela obra que fora do seu gênero digamos assim, que não só a crítica de teatro se interesse pela peça mas sim toda a editoria de cultura para que dali a gente possa buscar novos territórios de atração, de poder buscar esse público que ainda não viu.

**TIAGO** – Eu acho importante, eu sempre me preocupo bastante em ampliar o público, em democratizar a forma de acesso. Porque sempre de uma forma ou de outra a gente sempre bate um pouco nessa dificuldade que vai passar a maior parte das pessoas ainda sintonizam a partir da grande mídia, quando vai ao jornal é isso, se não entendeu no domingo não tem outra opção, aí você tem que ir para outra

alternativa, você vai para a internet e outros lugares. A gente tenta fazer um acesso mais “aberto”, digamos assim, é esse público que eu pretendo buscar.

**ELIANA** – Eu tinha visto nesse festival “Amostra Competitiva” que o CCBB apresentou os filmes que venceram, “Hoje eu quero voltar sozinho” já em resposta ao “Hoje eu não quero voltar sozinho” (risos), o “Polinter” sobre a história da polícia do Rio de Janeiro e “O meu amigo Nietzsche” que é uma história maravilhosa sobre um adolescente. Não há, por exemplo, no caso do “O meu amigo Nietzsche” uma linha na divulgação sobre Nietzsche, quem é Nietzsche? Nietzsche não é um nome qualquer, mas porque que esse nome foi associado, trazido, não houve uma preocupação mesmo diante de um filme que foi vitorioso de expandir essa possibilidade de leitura, isso que eu estava querendo dizer. Por exemplo, “Eu não quero voltar sozinho” a questão está voltada para a sexualidade do menino, e não em uma discussão que o filme tem de “se descobrir livre”, de se descobrir subjetivamente uma pessoa diferente desgarrada da mãe, desgarrada da família, é uma discussão da descoberta do adolescente sobre si mesmo. Isso é uma leitura que em nenhum texto de divulgação, por exemplo, apareceu. Quer dizer, é não contar à história que o filme já conta, que está na cara, mas falar das entrelinhas disso, chamar atenção.

**ZÉ MAURO** – É curioso que existe aí uma coisa que eu acho interessante quando nós produtores começamos a pensar nesse release, obviamente nós temos o que queremos dizer então vem uma assessora de imprensa que tem seus saberes e ele fala “- Não, mas ninguém nunca vai ler isso aqui, não vai vender nunca”, então começa a ficar aquela coisa, se escreve um texto que você acha que o jornalista vai se interessar mesmo que não seja a parcela mais interessante do seu projeto, mas é aquele que está mais de acordo com aquele veículo ou com aquela coluna ou colunista. Então, quer dizer você às vezes tem que fazer três, quatro releases do mesmo trabalho porque esse vai gostar desse, aquele vai gostar daquele, pra coluna eu mando esse porque a atriz vai mostrar o “peitinho” porque alguém vai publicar isso e de repente vai me levar a muito mais público do que aquele que está dizendo de Nietzsche. Mas tudo bem, se aquele que está vendo o “peitinho” sair lendo

Nietzsche para mim foi uma vitória (risos) isso é uma vitória cultural, “Legal, eu trouxe alguém para ver um peitinho e o cara saiu lendo Nietzsche” então quer dizer, na verdade tem que as vezes saber que o release é o chamariz, é a isca.

**ELIANA** – Mas eu acho que essa discussão que você está trazendo põe para nós o desvio do interesse primordial para a produção artística dirigida ao público, e esse público que você gostaria de ver cada vez mais ampliado e na verdade quando você escreve o release você escreve para um, dois, três ou para quatro, quer dizer, você deixa de dar a ler a quem de fato poderia ampliar seus horizontes com esse material.

**TIAGO** – Acredito que em uma mostra de cinema o que realmente ajuda, ou já é nome do cineasta, uma mostra como John Ford só por causa dele eu não estava, eu não estava nem colocado no jornal, é uma mostra que eu e uns amigos meus ficamos impressionados como enchia. Eu também fiz a mostra do Nicholas Ray alguns anos atrás, a maior parte das sessões estavam vazias, quando tinha filmes com James Dean era o quarteirão (risos) e isso ajuda um pouco, mas o jornal é um pouco como ele fala, os jornais segmentam e o público meio que já vem segmentado porque as pessoas buscam informações sobre o que é cinema.

**ELIANA** – Pois é, então vocês estão me dizendo que a crítica, os jornais e o release já se dirigem para um público que já está cooptado. Como é que a gente coopta os que estão do lado de fora? Essa era um pouco a pergunta que a gente se fez depois de ler todo esse material. Você estava falando que às vezes faz três, quatro releases, mas a maior parte de divulgação que a gente achou da mesma peça (três, quatro, cinco ou seis) é a repetição de trechos do release, as vezes tem um parágrafo que é de pena própria.

**TIAGO** – Falando do horário né. (risos)

**CONVERSA....**

**ELIANA** – E uma obra, por exemplo, como “Salina” de três horas e quarenta minutos de espetáculo, com interfaces múltiplas, questões míticas, antropológicas,

com temas de violência (que são os temas das grandes tragédias), eu não vi nenhuma linha que não fosse mais curiosa, a não ser a fala do autor que é bem interessante, o que eu encontrei foi mais a descrição, a síntese, as vezes mais do que uma sinopse, um resumo que já é alguma coisa né, um resumo que apresente ao público a peça, acho que isso era interessante. Mas assim, eu não encontrei nenhuma reflexão que trouxesse o que vocês ao escolher estavam procurando trazer, que é a África de hoje, como é que essa história ancestral ainda rebate hoje em uma África ainda violenta, ainda partida, ainda precisando de perdão, porque é um texto maravilhoso sobre culpa, violência, ódio...mas a capacidade das pessoas de perdoarem, que é extraordinário. Não tem uma linha da crítica sobre esse assunto, que é um tesouro na narrativa, então assim, eu fiquei pensando muito quanto falta dessa mediação carinhosa com o público que não está iniciado, com o público que não está cooptado em grande parte das produções, para que não vá ao teatro quem já é de teatro, que não vá ao cinema quem já é de cinema. Porque o “bang bang” que não precisa de você pensar, o vampiro que precisa de você pensar um pouco, acho que a fantasia faz você pensar muito, a fantasia é um elemento extraordinário, a gente começou falando disso, o encantamento e o imaginário são coisas extraordinárias, mas o que o não exige de você muito custa barato, está na porta das ruas todos os dias.

**TIAGO** – Não precisa nem sair de casa.

**ELIANA** – Pois é, é só ligar a televisão.

**ROBSON** – Para “Salina” as redes sociais foi grande meio de divulgação, e outra coisa muito importante foi que a gente teve um fato que tem acontecido muito desde a estreia é o fato das pessoas ficarem tocadas com o espetáculo e escrevem textos imensos para a gente publicar no Facebook, temos mais de 30 textos, e esse que é o grande divulgador do espetáculo mesmo. De um dia para o outro superlotou o espetáculo por causa desses textos que os próprios espectadores escreveram, e eles faziam críticas mesmo sobre o espetáculo, eles passavam da questão do

emocional como leituras mesmo assim. A gente guardou todos esses testemunhos dessas pessoas fazendo uma crítica e foi muito bom para a gente.

**ZÉ MAURO** – As redes sociais estão cada vez mais ocupando um lugar porque a gente vê quem viu hoje em dia ninguém mais faz nada anonimamente, e obviamente que a potencia do espetáculo gera esse interesse de se desdobrar, interesse de leitores específicos. Quando a gente fez o acontecia muito também, pessoas que gostavam do autor queriam também fazer parte daquela história e a gente teve chance de publicar esses textos todos, quando a gente publicou o texto a gente também tinha além de duas ou mais críticas, mais nove textos de pessoas que foram assistir..

**ELIANA** – Críticos anônimos.

**ZÉ MAURO** – E que são mais leitores do que o crítico no sentido de que eles realmente colocam o lugar disso na vida deles, o crítico está ali para mostrar como é perto da tradição.

**ELIANA** - Quer falar da estrutura, do funcionamento.

**ZÉ MAURO** – Exatamente, e obviamente, por exemplo a Barbara Heliadora, hoje em dia eu lamento, mas ninguém suportava ela. Ela tinha um amor pelo teatro, a presença e vê-la sempre com aquela idade, mas agora, você não podia fazer teatro contemporâneo porque ela não entendia. Então se você quiser fazer por exemplo uma cena dramática tocando uma música feliz ela não vai entender, ela vai achar que isso está contra

**ELIANA** – O teatro Shakespeariano.

**ZÉ MAURO** – Fernanda Abreu em Clarice Lispector, que a trilha era “Será Será – Doris Day” em 15 versões diferentes, era um texto que não tinha a menor esperança, muito triste, só que o contemporâneo é isso você joga um “Será Será” aquilo fica caramba “Será que tem alguma coisa depois daquilo? Não tem?” todo mundo amava essa ideia, e foi exatamente a única coisa que ela falou mal. “Como esses contos podem ter essa música que está falando tão alegremente da vida?”

**ELIANA** – Mas o público do Facebook entendeu?

**ZÉ MAURO** – Entendeu totalmente. (risos)

**TIAGO** – Esse é o lado bom que eu gosto das redes sociais, que as pessoas falam o que elas quiserem do jeito que elas quiserem da forma que elas quiserem se elas gostarem vão falar e se odiarem também, acontece. Na “Morte da a gente teve gente falando bem, teve gente falando mal pra caramba. “Por quê vocês escolheram esse cara?”

**ZÉ MAURO** – Eu acho que na rede social o que é do bem vai mais fácil né. Se você quer chatear alguém da vontade de apagar na hora e eu não estou afim de transmitir isso. Quando é do bem você vai e tem um monte de curtida, já quando é ruim ou muito intelectual (risos) eu sempre penso nisso... Poe uma citação linda de Neruda duas curtidas, mas se for uma foto sua de cabeça para baixo “365 curtidas”. (risos)

**ELIANA** – Bom você está me dizendo que há uma nova geração de mediadores ou um novo sistema de mediação, e que o crítico passou a estar constado nesse sistema poderoso.

**ZÉ MAURO** – Ele vai virando cada vez mais uma voz. Eu acho que o futuro é esse.

**ELIANA** – Eu vou perguntar uma coisa que talvez vocês não possam me responder, nem a Maria Helena. Tem como acompanhar se a qualidade das apreciações de um mesmo interventor, de um mesmo leitor, espectador se elas crescem com o tempo? Ou as curtidas são sempre tão pessoais que não conseguem se socializar, como é que é isso? Tem alguma avaliação?

**ZÉ MAURO OU TIAGO** – Eu acho que existe... Engraçado que no teatro existe um público profissional, e essas pessoas estão criando seus “blogs” para falar de teatro, e tudo nasceu da vontade deles de estarem ali diariamente assistindo, voltando, vem duas ou três que conhecem o Gilberto Bartholo que agora tem um site, é um homem que ama tanto teatro que agora virou crítico e é jurado de prêmio,



ou seja, ele realmente pode ser mais jurado que muito crítico, porque ele tem um olhar generoso para todo mundo. E eles vão se agrupando, vão criando blogs, plataformas para ampliar esse público até que eles viram críticos, então eu estou vendo carreiras assim ascendentes desse pessoal da internet que estão lá trabalhando por amor para isso.

**ELIANA** – Então há uma conexão desse povo com esse tipo de mídia, da internet, dos blogs, com as escolas, com os centros de formação seria uma coisa interessante.

**TIAGO**– Seria, volta e meia você tem isso, pessoas que escrevem no cinema alternativo, escrevem no Facebook, no seu Twitter e também trabalha com escola, colégio, divulga o filme dos alunos na internet e a gente acaba tendo acesso a esse tipo de produção cinematográfica de uma maneira. As redes sociais são muito boas nesse sentido, você acaba criando uma forma que na verdade a restrição não é mais o alternativo, é onde estão as coisas. O jornal se tornou alternativo às vezes no sentido de esquizofrênico, ele está falando de coisas você olha para os lados, as vezes está falando outra, é meio esquizofrênica entendeu. (risos)

**ZÉ MAURO** – Mas a gente quando está interessado você gosta de ver, no teatro, hoje em dia as pessoas estão um pouco mortas para esse tipo de coisa, mas no teatro a Barbara falava que você queria logo ver o outro, porque sempre ia ser uma oposição, uma opinião nunca é imediata como no teatro como se tem ali com as pessoas vivas porque eu acho que no cinema tem uma hora que já vira meio canônica a opinião sobre aquilo, tipo “Ah, o John Ford é isso e isso e isso..”. Mas no teatro não, acabou a peça, acabou a opinião, acabou a crítica, vai ficar na memória.

**ELIANA** – Pelo menos nas redes como você já disse, você reuniu as críticas, então é possível né.

**ROBSON** – Me lembrou um momento recente em outro Estado, foi que a gente estava acompanhando pelo perfil do festival (que a gente sempre acompanha) e então teve um senhor que ele não é crítico, mas frequenta todas as peças, escreve

no perfil dele e no perfil do festival em cada página, uma crítica sobre cada peça e ele tinha criticado uma peça que tinha aberto, e ele super técnico (porque está a anos já avaliando tudo) ele “sentou o pau” em uma peça que a gente gostava né, e ele ainda falou “E amanhã vou ver Salina”...(risos) E ai ele gostou, veio falar com a gente no final.

**ELIANA** – E você perguntou por que ele não gostou do anterior?

**ROBSON** – Não, ele fez uma crítica, ele publicou no perfil do facebook do festival.

**ELIANA** – Bom gente, eu vou agradecer muito a vocês, a generosidade de terem vindo aqui, eu acho que isso vai ser uma riqueza para a conclusão do nosso trabalho, da nossa pesquisa, vão ter os créditos seguramente, não só dos que colaboraram mas de vocês que estiveram aqui hoje e queria ver se vocês querem fechar dizendo alguma frase, deixando algum pensamento.

**ZÉ MAURO** – Eu só queria falar uma coisinha que eu realmente acho que você tocou e nós passamos, talvez seja mais do que a falta da política cultural hoje é essa interface com a escola. Eu acho que isso são iniciativas isoladas dos centros culturais que abrem, hoje em dia nós sempre temos como contrapartida as leis de incentivo a abrir exceções para as escolas, mas a gente sabe como é difícil. As vezes a gente chega em um local e você fala “Nós temos duas sessões gratuitas para a escola”, “Ah, mas vai dar tanto trabalho...” alguém de uma secretaria de educação respondendo. Então sozinho não se faz isso, tem que ser uma coisa de várias instâncias e eu acho que falta muito isso na educação, abrir as portas. Porque as vezes os espetáculos já estão prontos, não precisa nem pagar, não é uma questão econômica, é uma questão realmente

**ELIANA** – Estratégica, de mobilidade

**ZÉ MAURO** – Exatamente, e de achar que isso é importante não é. Porque principalmente o teatro na escola eu assistia muito (?) no meu colégio antigamente, o que se ve hoje em dia é aquela “pecinha” de cem reais porque é “baratinho”, então

você não tem a peça que está nos teatros, você não tem o teatro real dentro da escola, você tem ou uma coisa lá ou uma coisa aqui. Então lá não há essa comunicação, acho que essa mensagem é importante porque falta um projeto de secretaria de educação, todas as instancias municipais.

**ELIANA** – É, elas nem precisariam produzir, era só ver o que está patrocinado e o que está disponível.

**ZÉ MAURO** – Exatamente, fazer uma rede que isso possa se comunicar melhor. Que a educação se comunique com a cultura e vice-versa, isso com certeza vai criar esse novo público.

**ELIANA** – Robson? Satisfeito? (risos)

**ROBSON** – É, agora que ele falou...(risos)

**TIAGO** – O que ele está falando eu acho extremamente importante, eu não gosto nem de começar a falar sobre isso se não vou até amanhã (risos) por aqui comentando das coisas que eu acho absurdamente estúpidas. Por exemplo, esse fato de investir no cinema e depois o filme ou passa em um festival ou você nunca vai ver, porque não entra no circuito, não entra na escola, não entra em lugar nenhum, é uma questão de investimento financeiro estúpida. A gente deveria aumentar esse contato com a escola, com a produção, e com a produção também dos alunos, nós temos escolas públicas de cinema que nasceram de ONGs que nem “Nós no morro” cuja a produção não circula. Quantos de nós já assistimos a coisas do “Nós no morro”?

**ELIANA** – Nenhum.

**TIAGO** - Os caras existem há dez anos, então é preciso circular isso de uma forma ou de outra.

**ELIANA** – Eu vou fazer um comentário que eu vi ontem na entrevista do nosso Ministro da Fazenda, porque ele dizia o seguinte em uma entrevista com aquela calma dele e aquela voz macia, ele dizendo que o problema mais grave do

Brasil por incrível que pareça não é a corrupção, por mais espalhafatosa que ela seja, que o grande problema do Brasil é de gestão. Que as pessoas não sabem aproveitar os recursos uns dos outros, que as pessoas duplicam as coisas desnecessariamente e jogam dinheiro pela janela quando já tem alguma coisa pronta e rica, o que vocês estão falando é sobre isso, a falta de uma capacidade de gestão dos bens e do fluxo, do próprio recurso que o Estado põe, como você disse, sobre as coisas. E aproveitando que vocês lembraram o Ministro da Educação essa semana, em uma entrevista no Jô Soares dizia que o problema da educação brasileira é leitura. Leitura que não se faz na primeira infância, que não se aprende a ler lá, e ele disse que não é um problema de analfabetismo, é um problema de analfabetismo funcional e que as pessoas não são capazes de pensar nem de achar soluções próprias de fazer caminhos de interpretação e que é isso que impede que as pessoas sejam bons matemáticos, bons cientistas, porque efetivamente não sabem ler. A gente vem dizendo isso pelo menos desde os anos 80, sistematicamente com uma produção acadêmica, pesquisa, teoria, metodologia, política, mas parece que o próprio Estado não nos escuta. É interessante ouvir isso do próprio ministro da educação, um filósofo, e esperar que ele descruze os braços e pegue o dinheiro do FNDE e ponha nisso, se ele quer consertar a educação brasileira, e as artes estão aí para contribuir. Então, muito obrigada a você, Tiago, Robson e meu querido amigo Zé Mauro, meu aluno de muitos anos (risos). Muito obrigada, eu espero que esse trabalho de resultados interessantes para a FAPERJ divulgar.

## 10. CONCLUSÕES A PARTIR DO DEBATE

A. A leitura ainda não é percebida pelos divulgadores como um instrumento efetivo de aproximação ao público tendo em vista formá-lo, na maioria dos textos e críticas. Mais aparece o conhecimento e domínio que o divulgador tem do assunto.

B. Pequenas publicações, porém, de conteúdo mais amplo e linguagem mais comunicativa, poderiam funcionar para a “formação” de novos mediadores para as artes. A boa qualidade dos materiais de divulgação se converte como no caso dos espetáculos musicais ou de ópera em boas iniciações àquelas artes, como a cartilha do Kandinsky.

C. Enquanto a arte for tratada apenas como mercadoria, e não como produção cultural que bebe nas fontes da realidade para desenvolver uma reflexão que retorne ao mundo de forma crítica - e por isso mesmo efetivamente transformadora de certa percepção das coisas – sua leitura fica muito restrita a uma sensibilidade já educada para tal. O que trazer de um espetáculo de dança com Caymmi ou de um sarau com Vinicius?

D. A qualidade da divulgação está muito pendente da informação que produz, das referências que oferece, da indicação de perspectivas críticas, em linguagem clara sem abrir mão do que efetivamente comporta. Estas marcas nem sempre estão combinadas nos materiais de divulgação e crítica para abrir olhos e ouvidos do público.

E. As críticas mereceriam destaque - como acontece em algumas redes de cinema -, aparecer em alguma parte da mostra para o público mesmo o mais iniciado e que, no entanto, não acessa jornal nem digitalmente para informar-se melhor. Ou pelo menos a produção deveria estar atenta às redes e seus informes de crítica do próprio espectador para poder atuar de modo mais lúcido nas futuras divulgações.

F. Dar a ler, no dizer de Blanchot, não é tanto oferecer a interpretação pronta, - o que aliás se converteria rapidamente em doutrinação – mas criar uma provocação sobre o que se apresenta enquanto uma versão da história que pede reflexão ou provoca pena e horror, aristotelicamente. Disto carecem as críticas e releases em boa parte.

G. Espaços que oferecem regularmente produções bem cuidadas em diversas linguagens tendem a criar um público mais cativo e interessado e poderiam por isto mesmo, investir mais em pequenos debates e texto de qualidade que levassem o receptor a se descobrir em processo de formação diante da cultura humana

## 11. SITE DESENVOLVIDO

Site link: <http://leituranaarte.iiler.puc-rio.br/>



## LEITURA NAS ARTES

HOME O PROJETO ARTES PLÁSTICAS CINEMA MÚSICA TEATRO



'Beija-me como nos livros' trata amor como construção social



Festival É Tudo Verdade  
20 Junho © 2015

POPULAR COMMENTS TAGS



Salina, a última vértebra  
março 11, 2015



De tempo somos  
março 10, 2015



### World Press Photo

maio 26, 2015

Data: 19/05/2015 a 21/06/2015 Como Chegar  
Horário: Terça a domingo, 10 às 21h Horário da  
Bilhetaria: Local: Galeria 4 Entrada: Valor do Livro  
maio



### A Magia de Miró

maio 19, 2015

Período: De 29 de Julho a 28 de Setembro de 2014  
Local: Caixa Cultural Rio de Janeiro - RJ Realização:  
Zingara Comunicação Marketing Leia mais

PARCEIROS



PARCEIROS



### Cartas do Paraíso

maio 18, 2015

Período: Local: Caixa Cultural Rio de Janeiro - RJ  
Realização: Sempre No início do Renascimento,  
acima da Linha do Equador, homens desafiaram o  
mar Leia mais



### De tempo somos

maio 18, 2015

"É necessário estar sempre bebado. Tudo se reduz a  
isso, eis o único problema. Para não sentirdes o  
horível fardo do Tempo, que vos Leia mais

**O PROJETO**

Este é um projeto de parceria entre:



"Como a arte está sendo feita em nossa Cidade?" é a questão que norteia este projeto que tem como objetivos o mapeamento, a análise e a divulgação da leitura de três setores do universo artístico-intelectual que contribuem significativamente - através do fazer político e social, inovando a produção de arte - para a aquisição de conhecimento, difusão e democratização da cultura, combatendo, assim, para a construção da identidade e da cidadania brasileiras.

O Instituto Interdisciplinar de Lettura da PUC-Rio acolhe em sua estrutura a Cadeira UNESCO de Lettura PUC-Rio, que, através de sua equipe de pesquisadores associados em parceria se dedica a levantar, selecionar e divulgar uma análise do que está sendo produzido - em termos de leitura - no universo artístico da Cidade, neste ano letivo 2014 a julho, de 2015. Essa análise abrangente, particularmente, produções concernentes às Artes Plásticas, Música, Dança, Teatro, Cinema, Fotografia e Literaturas destacadas entre aquelas que trouxeram reais contribuições para ampliar o entendimento por parte do público sobre as artes e a cultura brasileiras.

Ao fim da análise, o Instituto oferecerá como produto final, conteúdo informativo qualificado a ser divulgado através de uma página em seu website, de acesso restrito ao público em geral, oferecendo uma leitura consistente da divulgação artístico-cultural no Rio. Ainda durante a pesquisa, serão promovidos encontros para discussão sobre a democratização do saber ligado ao universo artístico, através da divulgação dos conteúdos, das críticas em seminários e de eventos interativos com o público.

POPULAR COMMENTS TAGS

- Salina , a última vértebra**  
maio 11, 2015
- De tempo somos**  
maio 18, 2015
- Cartas do Paraíso**  
maio 18, 2015
- A Magia de Miró**  
maio 18, 2015
- World Press Photo**  
maio 26, 2015

CALENDÁRIO